



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA	21. JAN. 1980		
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

COMENTÁRIO

O PRESIDENTE E MELO ANTUNES

Acima de qualquer suspeita?...

A TITUDE impolítica e que nada prestigia o general Ramalho Eanes é o menos que pode dizer-se da sua decisão de patrocinar a candidatura do tenente-coronel Melo Antunes ao cargo de secretário-geral adjunto das Nações Unidas para a Ciência e Tecnologia. Acrescentaremos que a controversa iniciativa tão pouco serve o País e, pelo contrário, pode redundar em nosso desdouro, o que é mais importante que a usura do prestígio pessoal do Presidente da República.

Motivos explicados pela lógica ou fundados no interesse nacional estão por descortinar na atitude presidencial. Não está provado, longe disso, que o tenente-coronel Melo Antunes seja exornado por motivos especiais, a torná-lo quaiiricado para todo o cargo, nem por dotes peculiares ao exercício das aludidas funções, de maneira a concitar para si, e indirectamente para Portugal, o respeito de uma organização onde sobejam personalidades com crédito firmado por carreira e obra realizada nos seus países de origem ou noutras instituições supranacionais. Dele sabe-se que teve e tem papel preponderante no Conselho da Revolução e que seria coautor de planos de «salvação nacional», para sua infelicidade (mas talvez para dita do País...) sem oportunidade de provarem na prática a benignidade e exequibilidade. É também, diz-se, oficial muito estudioso, intelectual votado à análise político-marxista e, no que todos estão de acordo e o seu currículo espelha, militar de carreira vulgar. Tão normal, aliás, como a de outros oficiais, e vem para o caso o exemplo de Ramalho Eanes, que nunca se haviam distinguido antes de alcançados, por força de circunstâncias fortuitas ou anómalas («golpes de Estado» caserneos ou revoluções) a postos de relevo. E igualmente — quanto a isto as opiniões convergem — um dos autores de processo de descolonização por alguns considerado exemplar e através do qual este País em que vivemos atraçou compromissos históricos e faltou a obrigações que assumira. Seria ainda, a dar fé a juízos justificados pela invisibilidade de méritos apregoados mas por comprovar, um mito. Melhor dizendo: o «gênio para si mesmo» de que falou Fernando Pessoa...

Colocando assim de remissa, e por ponderosos motivos, o êxito que o general Ramalho Eanes parece augurar para o seu pupilo, se nomeado fosse para as Nações Unidas, admite-se que se revelariam nulos, ou mesmo contraproducentes, os resultados da presença do tenente-coronel Melo Antunes no aerópago que tem sede em Nova Iorque. Mas, à puridade, reconhecemos serem exagerados os malefícios da hipotética presença do discutido e discutível oficial. As funções em causa não usufruem de projecção especial, ao invés do que veio a público e animou, crê-se, o

presidente numa decisão aprovada ou sugerida pela eng.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Pintasilgo, comungando com Melo Antunes, a ex-primeiro-ministro, num terceiro-mundismo utópico em que se pensou enlear Portugal. Tanto assim que não resta na memória de quem quer que seja recordação das figuras que anteriormente ocuparam o cargo ou de quem é a personagem a que sucederia o presidente da Comissão Constitucional. E acresce serem reduzidas, opinam os círculos comumente designados por bem informados, as possibilidades de o sucesso bafejar a escolha presidencial, pois a ONU tem mais de que se ocupar que das preferências pessoais ou ambições individuais de governantes, ou seus companheiros, deste hoje pequeno País à beira-mar plantado.

A atitude de general Ramalho Eanes é, por isso, duplamente impolítica. No âmbito nacional, por não contar, designadamente, com o apoio do Governo, expressamente repudiando no seu programa o que se aparente a política terceiro-mundista e com o qual o Presidente cria um ponto de fricção que a ninguém beneficia; no plano externo, porque não deixará de registrar-se e comentar-se desfavoravelmente haver o chefe do Estado Português terçado armas por uma causa perdida, em «luta» que lhe trará prejuízo até, pela gratuidade de que se reveste. O Presidente da República deve situar-se acima de qualquer suspeita. Não está imune, porém, a críticas que o vulgar cidadão pode fazer-lhe. E a crítica é pertinente neste aso. Torna legítima uma interrogação que, parafraseando quase a questão que titulava um *best seller* que correu mundo, apresentaremos: o que faz correr Ramalho Eanes por caminho assemelhando-se a um túnel sem saída? O que faz o Presidente, que tal como acima de qualquer suspeita, devia estar para além da menor dúvida, empenhar-se tão a fundo para obter o assentimento do tenente-coronel Melo Antunes? É que — releve-se — o membro do conselho da Revolução e presidente da Comissão Constitucional, patenteando louvável prudência (ou acertado realismo?...), fez-se rogado e só depois de muito instado aceitou o proposta presidencial em principio, ressaltando o direito de retroceder sobre essa posição. O que faz com que o general Ramalho Eanes se submeta a prova tão conflagradora, para não dizer humilhante?

Não encontramos agora a resposta que o futuro se encarregará de dar. «O coração tem razões que a razão desconhece»? Pode ser. Pois, repetimos, sabemos que um chefe de Estado deve estar acima de qualquer suspeita — mas é curial que demonstre, pelo seu comportamento político, que não pode ser alvo de suspeição.

J. M. Pereira da Costa